

BÜZZ

© 2017 Buzz Editora

Publisher ANDERSON CAVALCANTE

Editora SIMONE PAULINO

Assistente editorial SHEYLA SMANIOTO

Projeto gráfico ESTÚDIO GRIFO

Assistentes de design LAIS IKOMA, STEPHANIE Y. SHU

Revisão LIVIA LIMA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vilarinho, Thaís
Mãe fora da caixa / Thaís Vilarinho
São Paulo: Buzz Editora, 2017.
208 pp.

ISBN 978-85-93156-34-2

1. Desenvolvimento pessoal 2. Mães e filhos
3. Mães - Experiências de vida 4. Maternidade
5. Relatos pessoais I. Título.

17-10136 CCD-649.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Mães: Relatos pessoais: Vida familiar 649.1

Todos os direitos reservados à:

Buzz Editora Ltda.

Av. Paulista, 726 – mezanino

CEP: 01310-10 São Paulo, SP

[55 11] 4171 2317

[55 11] 4171 2318

contato@buzzeditora.com.br

www.buzzeditora.com.br

mãe fora da caixa

Thaís Vilarinho

*Com meu amor para os meus filhos
Matheus e Thomás.
Sem vocês, nada disso existiria.*

1

antes da maternidade chegar 15

2

durante a espera 29

3

quando ela chega 45

4

vivendo a nova realidade 81

5

eles estão crescendo 141

6

significados 197

Ei, você, sim, você que abriu este livro.

Você talvez já me conheça do @maeforadacaixa. Se sim, pode entrar, seja bem-vinda. Aqui também é nossa casa.

Se você não me conhece de lá, fica o alerta: aqui não tem certo ou errado, o que você deve ou não deve fazer, não! Aqui tem um espaço de troca sobre maternidade, isso sim. Cada texto é um ponto de encontro, primeiro nas redes sociais, agora neste livro, para falar tudo o que calam sobre a maternidade.

Enquanto escrevia este livro, fui interrompida muitas vezes. Precisei de muitas pausas ao som de mamããããe para limpar bumbum depois do cocô, apartar brigas, preparar refeições, repetir mil vezes a mesma coisa, ficar estressada com a falta de obediência, buscar na escola, ler histórias, beijos de boa noite, e até para acudir meu filho, madrugada adentro, depois de um pesadelo. Nesse momento, meus filhos estão com amigos em casa e eu escrevo ao som de brincadeiras e correria.

Sou uma mãe como você.

Aqui, a maternidade é #semfiltros.

Compartilho meus sentimentos mais íntimos, vivências minhas e textos de leitores e convidados. Alegrias, conquistas, aprendizados, sim. Mas também medos, angústias, conflitos. O amor materno é controverso, este livro também. O amor materno faz você ir do céu ao inferno e voltar. Este livro, como a maternidade, como nossas experiências, é universal, mas também é particular.

É meu e é seu também, porque as experiências nos unem, você vai ver.

Sim, isso é um convite.

Maternidade. S. f.



que é ser mãe? Eu não tinha ideia. Nos livros que lia durante a gravidez, ser mãe era simples. A mesma coisa nos cursos para gestantes. Ninguém conta como você vai se sentir de verdade, pouco se fala em puerpério e muito se fala em mães cheias de felicidade. Cadê o glamour que nos prometem?

Quanta ilusão! Eu lia, fazia cursos e esquecia de um pequeno detalhe, um detalhe capaz de mudar minha vida: o bebê que ia chegar.

Como pude criar qualquer tipo de expectativa sem conhecer a outra parte dessa relação?

Esqueci que meu filho teria características próprias. Não seria um boneco. Esqueci que cada bebê, assim como cada uma de nós, tem suas particularidades. Seu jeitinho de ser, agir e respirar. A maternidade não é feita só da mãe. E sim da mãe, do bebê, e de uma realidade singular que é criada a partir desse encontro.

No dicionário, devia vir assim:

Maternidade. S.f. Encontro.

Você quer usar *sling*, mas e se o seu bebê não gostar? Bebês precisam muito de colo e você poderá passar o dia sem conseguir tomar um banho. Mesmo certa de que vai

colocar seu filho para dormir no berço desde a primeira noite, pode ser que ele não se adapte.

Maternidade. S.f. Jogo de cintura.

Amamentar não é como nas fotos. Cabelo penteado, quarto arrumado ao fundo? Ilusão!

Amamentar envolve cabelo despenteado, pijama e cansaço. Tem bebês que acordam de hora em hora. As madrugadas são cruéis. Recém-nascido tem cólica e não tem remédio, chazinho ou bolsa de água quente que faça passar. Choro de cólica é doído e angustia a gente.

Maternidade. S.f. A vida de pernas para o ar.

Vivemos imaginando, colocando regras e estipulando fórmulas antes mesmo deles nascerem. E eles? Eles só querem uma mãe. Não importa sua profissão, onde você mora, seu nível social. Seu filho pouco se importa se vai nascer de parto normal ou cesárea, se vai mamar no seu peito ou na mamadeira.

Ele te aceita da maneira que você é, aceita o que você pode oferecer.

Que tal aprendermos com os nossos filhos? Dá um alívio e afasta as expectativas fantasiosas.

Maternidade. S. f. 1. Estar sempre fazendo alguma coisa. 2. Escutar choro de bebê mesmo com ele dormindo. 3. Acordar e cuidar do filho antes mesmo de fazer seu xixi. 4. Não conseguir se olhar no espelho. 5. Viver com um coque no cabelo.



1

antes da
maternidade
chegar

Mãe de verdade, mãe de mentirinha

Sempre foi minha brincadeira preferida. Boneca, carrinho, bercinho, paninhos. Amava tudo! Tanto que o desejo de ser mãe ficou logo meu amigo. Vontade da barriga, de amamentar, de ser colo. Acalmar o choro, fazer a dor passar, tudo.

Parecia certo. Perfeito. Fácil.

Minha irmã nasceu quando eu tinha oito anos e tudo se confirmou. Meu grande sonho era real. Era a minha irmã entre os meus braços, não uma boneca de mentirinha. Ela era a minha boneca real e tudo continuava perfeito. Um sinal de que seria perfeito também quando fosse o meu próprio filho, certo?

Errado. Parecia fácil porque, por trás da minha brincadeira predileta, por trás da boneca humana e da mãe de mentirinha, havia uma mãe real e sobrecarregada. Uma mãe tentando lidar com as demandas de criar duas filhas, uma recém-nascida e outra criança.

A mãe de verdade estava ali, presente, dando conta de tudo para eu continuar sonhando.

Não é isso o que as mães fazem? Tudo para os filhos continuarem sonhando.

Certa vez, eu brincava com minha irmã. Boneca, carrinho, bercinho, paninhos. Até que ela começou a chorar. Eu peguei no colo e fui entregar para quem? Minha

mãe, claro! Para quem mais a gente entrega um bebê chorando?

Minha mãe estava lavando a garagem de casa. Chão escorregadio. Ela me viu andando no chão molhado e ensaboado, minha irmã no colo, nós duas deslizando, ela deu um grito tão alto que escorreguei. Protegi minha irmã, abracei bem forte minha filha de mentirinha. Ela nem chorou, caiu em cima de mim. A mãe de verdade quase morreu de preocupação. Eu, criança, havia batido as costas e a cabeça.

De verdade.

Minha mãe era a mãe de nós duas. Eu só era uma menina de oito anos brincando de mamãe e filhinha. Mãe? Só de mentirinha.

Depois disso, não tive nenhuma outra demonstração. Nem sobrinhos, nem amigas com filhos. Fui a primeira. Estreia. Quando me peguei sozinha com meu bebê que não parava de chorar, percebi que era o mundo para alguém. Eu não podia entregá-lo para a mãe de verdade. Eu era a mãe de verdade. Eu o receberia nesse e em tantos outros choros.

Saí rapidamente da fantasia. Meu bebê no colo, deixei para trás minha carreira como mãe de mentirinha.

Se tive uma maternidade perfeita? Não, tive uma de verdade.

Incalculável

CAMILA PICKLER

Li em algum lugar que ter um filho criado até a vida adulta vai me custar um valor milionário. Na verdade, isso deve ser para a classe top das galáxias. No meu caso, essa conta deve se reduzir a alguns zeros e, ainda assim, seria o suficiente para dar umas voltas em Nova York pilotando um carro incrível.

Estamos na metade do ano e já se foram alguns mil reais em plano de saúde, exames, remédios, alimentação, fraldas, roupas, material escolar, brinquedos, lazer. Fora os prejuízos materiais como celular quebrado por uma mordida, móveis destruídos por não suportar o peso de um bebê e sei lá mais quantas contas eu teria que fazer para calcular o custo de um filho.

A verdade é que se você comparar um filho com notas de papel, o verdadeiro valor já se perdeu. Se sua dúvida é “ter um filho ou ter grana?”, aconselho você a ter grana. Quem faz esse tipo de comparação não saberá dar valor verdadeiro a uma criança.

Vamos às contas! A cada abraço de bom dia, eu deixo de gastar em consultas com psicólogo. A cada apresentação da escola, eu ganho um dia a mais de vida. A cada beijo de boa noite, eu economizo com futuros problemas depressivos.

Estou investindo essa nota toda em gargalhadas e lágrimas de felicidade. Essa pequena fortuna está mantendo meus dias de heroína.

A cada “eu te amo”, eu deixo o cardiologista com menos serviço. Toda vez que sou acordada de madrugada, estou mantendo minha saúde em dia, longe de bebidas e *fast food*. Estou investindo em um artista que faz a minha caricatura com os olhos maiores que a boca. Essa grana toda é destinada à renovação de uma sociedade. É um investimento em adultos bem-sucedidos.

Estou, na verdade, tentando calcular o tamanho da minha felicidade, e ela é incalculável.

Uma vida inteira por preço de banana, que sorte eu tenho!

Quem não é mãe não é ET

Como assim você não quer ser mãe? Eu questionava minha amiga. Como não querer conhecer o amor por um filho? Como não querer se perpetuar através de alguém? Não faz sentido! Eu falava.

Então entendi. Entendi quando a responsabilidade da maternidade chegou para mim. Ficou tudo tão claro. Ser mãe não é como viajar ou comprar um computador. Escolher entre ser ou não ser mãe não é escolher entre dar uma volta ou ficar em casa.

Escolher.

Finalmente, temos liberdade para decidir entre uma coisa e outra, entre ser mãe e não ser. Ainda que existam preconceitos contra quem caminha em uma direção diferente do padrão casar e ter filhos. Por que reforçar preconceitos ao invés de celebrar a escolha?

Vamos pensar nessas mulheres que não têm filhos? O que será que passa na cabeça delas?

Imagine uma mulher. Ela acha que o mundo precisa de tanto amor que se abdica de vivenciar a maternidade e opta por outras formas de se entregar e se doar. Imagine outra mulher. Uma com tanta compaixão que se liberta de perpetuar seus genes através de um filho para perpetuar seus conhecimentos e aprendizados pelo mundo.

Doar-se para alguém que não é o seu filho, isso não é louvável?

Pense na mulher que não quer ter filhos porque decidiu focar somente no trabalho, você deve conhecer alguma. Ter uma criança talvez não se encaixe nos sonhos dela, qual o problema? Qual o problema de se voltar somente para si? Qual o problema de buscar identidade e independência num mundo onde, durante tantos anos, as mulheres foram obrigadas a se anular por conta do papel de mãe?

Sem falar nas mulheres que gostariam de ter filhos, mas não puderam realizar esse sonho.

Minha amiga, eu te entendo agora. Desculpe se te julguei. Precisei ser mãe para entender que a maternidade é uma escolha e que você escolheu outras coisas para sua vida, coisas brilhantes e cheias de afeto.

Ser mãe é abrir mão de muita coisa. Do tempo, da tranquilidade, do sono. Muitas vezes, é abrir mão das próprias vontades. E deve ser, portanto, uma escolha. Não uma obrigação. Uma escolha.

Vamos respeitar e acolher escolhas diferentes das nossas?

Qual é a hora certa para ter um filho?

JÚLIA DRUMOND

A hora certa de ter um filho é depois de dois anos de casamento. Não. É antes dos trinta. Mentira. Talvez seja depois dos trinta. Não. Então depois de ter casa própria. Mentira. Será que depois de conhecer todos os lugares que tiver vontade? Não. Deve ser depois de fazer especialização, mestrado? Não. Ah, então depois do doutorado? Não. Hum, talvez seja quando a gente, finalmente, ganha mais. Mentira.

Não existe hora certa. Tudo bem, concordemos que gravidez na adolescência não é bem o que a gente planeja. A questão é que, depois de virar mãe, percebemos que não existe hora. Depois que nos tornamos mães, percebemos que diversas teorias sobre “A Melhor Hora para Ter um Filho” são uma furada. Sim, eu ainda quero estudar mais. E conhecer outros lugares. Crescer profissionalmente também não é uma má ideia.

Explico: não são as aspirações em si que são diferentes, mas a forma como elas se dão. Estudar mais, mas podendo conciliar com os futuros estudos (e lazeres) do meu filho. Viajar mais, mas pensar em lugares que são divertidos também para crianças. Crescer profissionalmente, mas de forma que não me impeça de acompanhar o crescimento do meu filho.

A maternidade muda a nossa vida. Consome muito tempo e energia, mas não pode nos privar dos sonhos e planos que são fundamentais para nossa realização pes-

soal. Ver tudo sob uma nova perspectiva é uma delícia: o tilintar da colher ao bater no copo, a textura do papel ao ser amassado, a beleza de um paninho a balançar no vento. Em cada detalhe, redescubro, pelos olhos do meu filho, a beleza da vida.

Esse olhar curioso, atento, feliz, faz o mundo se abrir em infinitas possibilidades. A maternidade nos expande.